

Desafios da clínica contemporânea: temporalidade e vínculo

De ontem a hoje:
o que escutamos e como intervimos¹

Norberto Marucco,² Buenos Aires

Resumo: Este artigo aborda uma problemática atual (a crise social argentina), vinculando-a a alguns conceitos que surgem nos textos freudianos, e sua revisão por autores pós-freudianos nos quais o autor reconhece alguma filiação transferencial (Green, Roussillon, Lacan, Bion e Winnicott). Considera o “mundo exterior” como uma quarta instância do aparelho psíquico (tal como foi proposto em 1982 e em 2012, em outros artigos). Isso supõe que o objeto, o outro, não apenas se encontra na realidade factual, como também fica inscrito como instância psíquica. Quanto ao trauma, não importa apenas a resignificação, como temporalidade especificamente psicanalítica, mas também a inundação de excitação que promove efeitos traumáticos em uma temporalidade atual. Diante dessa intensidade, e parafraseando Freud, poder-se-ia dizer que uma “sombra da realidade recai sobre o Eu”, inibindo-o e desestruturando-o. O autor sugere diversas abordagens terapêuticas que permitem enfrentar a desorganização egoica provocada pela acumulação de traumas atuais, que são somados à acumulação de traumas prévios.

Palavras-chave: escuta, temporalidade, vínculo, intervenção, compulsão de repetição, neutralidade, irrepresentável

Minha proposta sugere um trânsito do passado ao presente que implique não apenas nosso reconhecimento daqueles que nos precederam, como também, e quem sabe fundamentalmente, uma apreciação crítica da realidade atual da psicanálise e de nossa prática psicanalítica.

1 Discurso oficial representando a América Latina no encontro das interfederações FEPAL, Federação Europeia e Federação Norte-Americana, realizado em São Paulo em março de 2018.

2 Membro da Associação Psicanalítica Argentina (APA).

Em primeiro lugar, penso que é importante lembrar que a psicanálise na América Latina teve um desenvolvimento dinâmico e criativo, com a integração crítica de contribuições de diversas correntes psicanalíticas que confluíram em verdadeiras “ofertas teóricas”, em resposta às demandas terapêuticas que impunham e impõem uma reformulação ou revisão técnico-teórica (Baranger, Baranger, Campo & Mom, 1970). Retornar a essas contribuições para examiná-las à luz do momento atual (desafios da clínica contemporânea) contribuiria, sem dúvida, para o fortalecimento de nossa própria identidade psicanalítica. Assim, a inclusão dessa dimensão histórica do pensamento psicanalítico transcenderia à mera menção do tempo transcorrido e até a consideração das vicissitudes que atravessou em seu desenvolvimento.

Então, enriquecidos pela reflexão viva de nossos pioneiros e fortificados pelo pluralismo de suas ideias, devemos empreender a tarefa da articulação dessas ideias com os problemas que enfrentamos na atualidade. Articulação útil tanto para a teoria quanto para a clínica e a técnica psicanalítica. Para tanto, contamos com a herança da “força pioneira” de todos aqueles que, com seu impulso e criatividade, contribuíram para cimentar as fundações da psicanálise no mundo. Mas cada um de nós também é chamado pela vocação da própria psicanálise para ser “pioneiro” de nosso tempo desenvolvendo nossa capacidade de reflexão como um ato sempre renovado e aberto. A atualidade nos impõe a tarefa de pensar e atuar dentro de uma realidade social dura e complexa que se inscreve, por sua vez, no contexto globalizado de uma era marcada por crises e mudanças no mundo inteiro. Nesse marco, nossa visão de hoje nos revela situações que não são nada favoráveis à psicanálise. Entre outras, podemos destacar a notável diminuição na demanda pela psicanálise no mundo, que inclui tanto os pacientes que veem nela uma possibilidade de alívio a seu sofrimento, quanto aqueles que optam vocacionalmente pela formação psicanalítica.

Além disso, acredito que tem havido uma espécie de restrição com relação ao que a psicanálise pode oferecer, de maneira mais ampla e generosa: a contribuição de seu olhar sobre a realidade social. Temas como a violência, o desemprego, a exclusão social em idades cada vez mais jovens, a delinquência, as adições são, entre outros, as grandes questões sobre as quais a psicanálise deve se pronunciar. Recentemente na Argentina, em plena explosão de uma crise que vinha sendo acumulada havia muito tempo, retomamos o compromisso de atuar nesse sentido, e isso deveria alertar-nos quanto

a nossas atitudes no futuro. Como já disse em outras ocasiões, acredito que devemos empreender a escrita do *mal-estar na cultura de nosso tempo*, tal como Freud fez em seu, e voltar a nos questionar com mais elementos quanto às razões da diminuição da demanda de análise, assim como da formação psicanalítica; outrossim, tentar responder por que a psicanálise não deu a devida atenção a manifestações sociais de importância. Insisto nesse ponto porque acredito firmemente que, no campo social, a aplicação da psicanálise à cultura é um passo essencial sobre o qual as sociedades psicanalíticas devem se debruçar.

De ontem a hoje: temporalidade e vínculo

Agora gostaria de focar o âmbito de nossa prática analítica para tentar responder à proposta do painel quanto ao problema de nossa escuta analítica hoje em dia. Neste sentido, gostaria de destacar algo que definiu o ontem da psicanálise: um certo eixo sobre o representado e o representável. Isso implicava uma escuta dirigida fundamentalmente às manifestações do inconsciente reprimido, sexual e significativo, cujas expressões psicopatológicas configurariam as denominadas “neuroses clássicas”. Intensamente interrogada pela teoria psicanalítica, talvez seja nessa área do funcionamento psíquico, a da revelação do desejo e de sua expressão nos significantes, em que se alcançaram os melhores resultados. Mas esse mesmo fato teve a contrapartida de condicionar uma análise solipsista, muito fechada no mundo das representações, e um acionar do analista centrado em sua revelação; representações que apareciam no campo analítico por meio do material oferecido pelo sonho, pelas associações livres, pelos sintomas, pela transferência.

“De ontem a hoje”, com inclusão da temporalidade e dos vínculos, foi-se ampliando a compreensão psicanalítica de estados psicopatológicos que vão além das neuroses clássicas, o que nos pôs em um campo “além do representável” (além de somente o pulsional), no qual, a meu ver, se inscreve a psicanálise contemporânea. Essa maneira de conceber os fenômenos clínicos implica o desenvolvimento de uma escuta e intervenção analítica diferentes. Em outras palavras, uma teoria do significativo que abranja algo além do significativo linguístico – por exemplo, isso abre caminho para mencionar a ideia do signo de Peirce (1978), que Green (1990) retoma, para introduzir o conceito de “processos terciários”. A inclusão do significativo não linguístico implica para a psicanálise uma possibilidade de saída

da univocidade da equação simbólica e a entrada na conflituosa criatividade da terceiridade.

Quando o campo analítico aventura-se na zona do não representável (e quem sabe do irrepresentável), é necessário retomar a “escuta” da repetição: emergência na clínica, então, do conceito de compulsão à repetição. Quando Freud (1920/1979) descreveu em “Mais além...” a repetição do sofrimento, a repetição do trauma, o que o surpreendeu na verdade foi essa tentativa, nem sempre bem-sucedida, que a repetição do trauma faz para ligar-se e poder assim entrar na série do prazer-desprazer. Pareceria neste sentido que o primeiro princípio para Freud teria sido a ligadura. Sem ligação prévia, não há repetição, mas desorganização e fragmentação. Portanto, hoje poríamos a compulsão à repetição em um passo anterior ao prazer, mas que contém em seu núcleo uma busca incessante de ligadura do outro, dos vínculos. Quem sabe nesse aspecto tenhamos que entender a repetição também como uma possível demanda de um processo de objetualização bloqueado. Na clínica, essas buscas (de ligadura e objetualização) envolverão decididamente o analista com seu paciente em um trabalho articulado na singularidade do campo analítico, que inclui uma concepção da temporalidade e do vínculo muito mais complexa. Quando um indivíduo preso na compulsão à repetição não acessa a possibilidade de ligadura, seu tempo é “assassinado”, como diz Green (2001). Nesse “assassinato do tempo” (o grande tema da temporalidade) acredito que é com que a psicanálise está comprometida hoje. Cada um de nós tentará possibilidades de saída dessa categoria do tempo chamado *tempo morto*, *coagulado*, em que permanece tanto o neurótico como o que está “mais além” da neurose, e ainda o próprio analista desde sua situação vincular.

Se aceitarmos que antes do princípio do prazer, ou do Nirvana, existe algo que poderíamos chamar de “princípio da ligadura”, isso nos permitiria uma melhor compreensão de conceitos, a exemplo do da identificação primária (que eu denominei “passiva”), situado anteriormente a todo vínculo libidinal de objeto. Acredito que os Botellas (1997) refiram-se a essa mesma problemática com seu “princípio de coerência-convergência”, e que se trate do que Green (2001) decididamente denomina o “tempo da ligação”, o que poderíamos afirmar como expressão da vincularidade em psicanálise.

O que escutam e como intervimos hoje

Como escrevi muitas vezes (Marucco, 1985; 2002), acredito que deveríamos considerar a possibilidade de incluir na estruturação do psiquismo a realidade exterior como uma quarta instância psíquica, junto do ego, do id e do superego (Freud, 1923/1992).

Esses traumas que hoje atravessamos em nossa realidade social não apenas ressignificam traumas anteriores, como também são por si próprios geradores de patologias em uma temporalidade atual. Como essa realidade traumática atua neste tempo presente? O que ela exige do ego? Exige uma perda de *catexis* por um sobreinvestimento constante da realidade (temporalidade atual). O ego está dedicado a proteger-se do “aniquilamento” pela realidade (Freud, 1919/1990). Não vive *na* nem *com* a realidade, mas sim se protege dela. Nesse esforço perde libido e, no final, seu desejo. Vem à tona, então, um ego diminuído em sua capacidade de amar e trabalhar (condições assinaladas por Freud como expressões de saúde psíquica). Portanto, o ego se defende, por um lado, da realidade exterior e, por outro, desde sua própria realidade psíquica, do maltrato do superego em função dos ideais que a própria realidade traumática não lhe permite cumprir. No centro dessa situação encontramos um ego que, preso por essa realidade e sobreinvestindo-a para poder controlá-la, aos poucos deixa de ouvir as reivindicações da pulsão de vida, o que produz dessa forma não apenas uma diminuição de sua pulsão sexual, como também afeta toda sua vida amorosa. A consequência desta “surdez libidinal” cria uma liberação da pulsão de morte. Ponto de máximo perigo no psiquismo, gerado nesse caso pela ação de um trauma acumulativo temporal.

Nesse terreno, o princípio de ligadura que demanda um objeto convoca o analista a abrir caminho para o mundo representacional não apenas através das construções, como também estimulando por meio da relação vincular a criação do que poderíamos chamar de “tecido psíquico”, o fantasma, a fantasia (aquilo que se gera no espaço e que vai do processo primário ao secundário).

Quanto a como intervir em relação à situação traumática atual e à relação do indivíduo com a realidade exterior, acredito que existem diferentes possibilidades de ação terapêutica. A primeira alude à relação entre o ego e o id pulsional. No campo terapêutico individual, o analista tem que estar sempre atento para escutar o id, fazendo ele próprio um desinvestimento

momentâneo da realidade, para possibilitar que o indivíduo se ponha em contato com suas pulsões sexuais de vida e possa se defender assim da ação destrutiva da pulsão de morte, tanto em sua face violenta, quanto em sua ação de desligadura (perda progressiva dos vínculos). Outra ação terapêutica é permitir que o Eu se defenda do descrédito que o superego gera como representante da realidade. Mais uma intervenção que se mostra significativa é possibilitar e estimular no paciente a criação de laços libidinais. Momento *princeps* para revalorizar a importância da transferência. E, ainda mais em casos que excedem o marco individual, a inclusão de sessões familiares poderia ser um instrumento excepcional para trabalhar essa situação e, por sua vez, explorar e estimular os vínculos.

Recuperada na análise a capacidade de escutar o mundo libidinal adormecido, as rotas já conhecidas se abrem para a pulsão: a satisfação direta, a inibição de sua meta e os caminhos sublimatórios. As instituições sociais, particularmente, deveriam oferecer espaço e oportunidade para as produções sublimatórias do Eu, o que implicaria a possibilidade de desenvolver atividades científicas, culturais, artísticas. O eu, conduzido e conduzindo suas pulsões, se tornará mais inclinado a recuperar a autoestima e o sentimento de si afetados pela situação traumática e, volto a insistir, gerar vínculos sustentados pela pulsão de vida de analisante e analista.

Algumas reflexões sobre a tragédia e a criação

Então, o que escutamos e de que modo intervimos na realidade analítica atual? Imersos como estamos nas experiências temporais traumáticas de uma sociedade em crise profunda, a escuta analítica poderia ver-se afetada pelo que se definiria, parafraseando Freud (1917[1915]/1996), como “a sombra da realidade que recai sobre o ego”. Queda que teria produzido um esmagamento do mundo representacional, do mundo da fantasia, pelo peso brutal e ignominioso de nossa realidade. A tentação de se pôr diante desse fato no lugar de “uma mãe suficientemente boa” que acompanhe, que ajude, que conforte e que compreenda poderia levar, segundo meu critério, a errar o rumo da intervenção do analista no campo analítico. Desde o abismo desse esmagamento do mundo representacional pode elevar-se, tal como metaforiza René Roussillon (1995) quando faz alusão ao “trauma perdido”, uma mão que se agita e dá conta de um sopro de vida que ainda existe. Tratar-se-ia de uma última tentativa de ligadura que a intervenção analítica deverá

propiciar, possibilitando assim um trabalho de representação do trauma por meio do novo vínculo que se estabelece com o analista.

Quando a temporalidade diante da realidade esmaga o psiquismo a ponto de poder confundir, e até substituir através dela o mundo representacional, não sobram mais enigmas nem perguntas sobre o desejo nem espaço para a fantasia. Essa é a situação que Roussillon define como “patética”. É necessário, portanto, passar do “patético” ao “trágico”, ou seja, aquela situação em que, de acordo com o que ele descreve, o temporal-traumático adquire o valor de enigma. Então aparecerá uma teorização subjetiva sobre a causa do trauma (que sempre está em relação com o próprio narcisismo e com suas marcas do vínculo com o objeto). Nesse ponto o analista pode intervir ajudando o paciente a problematizar a questão não apenas em torno de si mesmo e do que o rodeia, como também discriminando entre aquilo que pertence à temporalidade da realidade e aquilo que entra no campo de sua temporalidade pulsional e, por conseguinte, de sua responsabilidade subjetiva, pessoal. É aí, nesse “encontro” entre as duas temporalidades, a da realidade traumática e a da pulsão, que reside a possibilidade de tecer uma nova trama psíquica que, diante da opção paranoide de interpretação do mundo... abra caminho para a fantasia (ao estilo das fantasias primordiais que permitiram um primeiro vislumbre do psiquismo). Porque ontem e hoje sempre houve realidades potencialmente traumáticas: situações dramáticas que poderíamos determinar, descrever e localizar no tempo para encontrar uma justificativa objetiva aos nossos sofrimentos.

Mas, se há uma coisa que distingue nossa situação atual, é um certo sentimento coletivo de termos sido arrastados passivamente a um destino trágico. Diante disso, apenas se lembrar do passado não é suficiente para não voltar a repeti-lo; tampouco construir a descoberta de um objeto-causa que remedeie aquele do antigo e eterno trauma, mil e uma vezes condenado a buscar na compulsão repetitiva ligação e ressignificação. Será necessário, além disso, sermos capazes de criar algo novo, de parir ideias, desdobrar, como disse, as potencialidades sublimatórias e voltar o olhar ao horizonte do desejo. Porque o que seria o desejo impossível de satisfazer, finalmente, senão uma utopia da pulsão? (Marucco, 2002). Se nossa cultura já tinha renunciado às utopias, agora parece estar prestes a renunciar também a toda possibilidade de ação pulsional sobre a realidade.

A psicanálise sempre resgatou o valor das possibilidades humanas de transformação. Como disse Green (1990, p. 138): “O desejo – irrealista,

imperativo e exigente – considera sempre possível uma realização e não hesita em mobilizar os recursos do fantasma para a mais improvável das materializações”. Ele chamou isso de “lógica da esperança”: essa “reserva de tempo” que, “com sua potencialidade de cumprimento, formou-se de maneira que, quando as circunstâncias não lhe permitem realizar-se, preserva a possibilidade de fazê-lo *em outro lugar, de outro jeito e em outro tempo*”.

Nesse sentido, considero que a clínica caracteriza um trajeto da compulsão de repetição desde um aprisionamento mortífero a uma “lógica da desesperança” (representada na ação intrusiva e hostil do objeto e do trauma da realidade) até o muitas vezes difícil acesso à “lógica da esperança”, expressada por um desejo capturado que espera ser despertado, revelado no campo analítico. A intervenção analítica hoje não apenas deveria apontar para a revelação daquilo que aconteceu e que se esqueceu, como também para a possibilidade da criação de algo novo, que nunca esteve no campo do psíquico e que implicará um novo tempo a ser criado. Não se trata apenas de tornar consciente aquilo que permanece, como em um reservatório, no domínio do inconsciente, mas também de trazer à tona essa “lógica da esperança” que “não aceita morrer” (Green, 1990) nem deixar de buscar o objeto que existe dentro e fora do sujeito (como objeto do fantasma inconsciente e como objeto do mundo exterior). Se não for assim, aquilo que arrasou o psíquico e se ancorou no corpo ou no ato atuará na vida como um destino incoercível. Como um “assassinato do tempo” que pode chegar a atacar, até mesmo, as próprias pulsões de autopreservação (doença psicossomática).

Aqueles que chamei de “traços mnêmicos ingovernáveis” (Marucco, 1999) terão que ter sua inclusão possibilitada no circuito psíquico. A análise deveria tender então, a meu ver, não apenas a remontar o tecido psíquico que a pulsão de morte desmanchou (em seu esforço de desligadura), como também a criar essa trama capaz de conter aquilo que não pôde ter representação; trama psíquica vincular que sirva de filtro e de “tecido de contato” diante dos embates da realidade.

Para finalizar, “de ontem a hoje” muitas coisas mudaram no mundo e na psicanálise, e nem um nem o outro ficaram salvos de contratempos de toda índole. Nossos precursores na psicanálise nos deixaram muito no âmbito do desenvolvimento teórico e técnico, mas acima de tudo me interessa hoje resgatar o legado da sua “força pioneira”, da sua determinação fundadora, da sua vocação do descobrimento, da busca da verdade (busca esta impossível, é verdade, no sentido da certeza, mas possível e necessária

enquanto busca), e nos legaram também a maravilhosa coragem de criar e construir. Sustentar essa força, esse impulso precursor, mesmo diante das maiores dificuldades, e integrá-la seria, em meu entender, o melhor estímulo para a psicanálise e os psicanalistas de hoje.

Desafios de la clínica contemporánea: temporalidad y vínculo

De ayer a hoy: qué escuchamos y como intervenimos

Resumen: Este artículo aborda una problemática actual (la crisis social argentina), vinculándola con algunos conceptos que surgen de los textos freudianos, y de su revisión por parte de autores posfreudianos en los que el autor reconoce alguna filiación (Green, Roussillon, Lacan, Bion y Winnicott). Considera al “mundo exterior” como una cuarta instancia del aparato psíquico (tal como lo planteó en 1982 y en 2012, en otros artículos). Esto supone que el objeto, el otro, no sólo está ubicado en la realidad fáctica, sino que queda inscripto como instancia psíquica. En cuanto al trauma, no solo importa la resignificación, como temporalidad específicamente psicoanalítica, sino también la inundación de excitación que promueve efectos traumáticos en una temporalidad actual. Ante esa intensidad, y parafraseando a Freud, podría decirse que una “sombra de realidad cae sobre el Yo” inhibiéndolo y desestructurándolo. El autor sugiere enfoques terapéuticos diversos que permiten hacer pie ante la desorganización yoica provocada por la acumulación de traumas actuales, que se suman a las resignificaciones de traumas previos. Palabras clave: escucha, temporalidad, vínculo i intervención, compusión de repetición, neutralidad, irrepresentable

Challenges of contemporary clinic: temporality and link

What we listen to and how we intervene: past and present

Abstract: This paper deals with a current problem (the Argentine social crisis) in connection with some concepts that arise from Freudian texts and their elaboration by post-Freudian authors (such as Green, Roussillon, Lacan, Bion and Winnicott) who admitted their own transferential roots. The author considers the “outside world” as a fourth psychic agency (as he already did in a 1982 article and in some others in 2012). According to him, the object – the other – is not only a part of the factual reality, but is also inscribed as a psychic agency. Regarding the trauma, he contends that what matters is not only its resignification as a specifically psychoanalytical temporality, but also the overflow of excitement having traumatic effects in actual time. Given its

intensity, it could be said, paraphrasing Freud, that “a shadow of reality falls upon the ego” inhibiting and destructuring it. The author suggests several therapeutic approaches that allow to stand up to the ego disorganization derived from the accumulation of present traumas added to the resignification of previous ones.

Keywords: listening, temporality, link, intervention, compulsion to repeat, neutrality, unable to acquire representability

Enjeux de la clinique contemporaine : temporalité et liaison

D’hier à aujourd’hui: ce que nous écoutons et comment nous intervenons

Résumé : Cet article aborde une problématique actuelle (la crise sociale argentine), en la reliant à certains concepts qui découlent des textes freudiens, et de leur révision par des auteurs post-freudiens auxquels l’auteur reconnaît une certaine filiation (Green, Roussillon, Lacan, Bion et Winnicott). Il considère le « monde extérieur » comme une quatrième instance de l’appareil psychique (comme il l’a dit en 1982, et en 2012 dans d’autres articles). Cela présuppose que l’objet, l’autre, n’est pas seulement situé dans la réalité factuelle, mais qu’il s’inscrit en tant qu’instance psychique. Quant au traumatisme, ce n’est pas seulement la resignification qui importe, en tant que temporalité spécifiquement psychanalytique, mais aussi le flot d’excitation qui favorise les effets traumatiques dans une temporalité actuelle. Face à cette intensité, et en paraphrasant Freud, on pourrait dire qu’une « ombre de réalité s’abat sur le moi », l’inhibant et le déstructurant. L’auteur propose diverses approches thérapeutiques qui permettent de faire face à la désorganisation de l’ego causée par l’accumulation des traumatismes actuels, qui s’ajoutent aux resignifications des traumatismes antérieurs.

Mots-clés : écoute temporaire, lien et intervention, compulsion de répétition, neutralité, irreprésentable

Referências

- Baranger, W.; Baranger, M.; Campo, A. & Mom, J. (1970). Corrientes actuales en el pensamiento psicoanalítico. *Revista de Psicoanálisis*, 27(4), 693-722.
- Botella, C. & Botella, S. (1997). *Más allá de la representación*. Promolibro.
- Freud, S. (1979). Más allá del principio de placer. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 18, pp. 1-62). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1990). Lo ominoso. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 17, pp. 215-251). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1992). El yo y el ello. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 19, pp. 1-59). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996). *Duelo y melancolía*. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 14). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917[1915])Green, A. (1990). *De locuras privadas*. Amorrortu.
- Green, A. (2001). *El tiempo fragmentado*. Amorrortu.
- Marucco, N. (1999). *Cura analítica y transferencia. De la repetición a la desmentida* (Cap. 1). Amorrortu.
- Peirce, C. S. (1978). *Écrits sur le signe*. Seuil.
- Roussillon, R. (1995). *Paradojas y situaciones fronterizas del psicoanálisis*. Amorrortu.

Tradução de Dante Rovere

Norberto Marucco
marucconor@gmail.com

Recebido em: 16/4/2024

Aceito em: 19/4/2024